

**PALAVRAS INDESEJADAS: RELATOS QUE ESTORVAM A IDÉIA DE UMA HISTÓRIA ÚNICA
E UNIFORME (FLORIANÓPOLIS, ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX)**

Luiz Felipe Falcão

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina

luiz.felipe@mailcity.com

As rápidas e intensas transformações urbanas que aconteceram no Brasil ao longo da segunda metade do século XX tiveram características, temporalidades e resultados diferentes em suas diversas regiões e, decerto, em suas distintas cidades, fossem elas de porte pequeno, médio ou grande, mas em todas elas podem ser encontradas versões indesejadas de tais transformações formuladas por pessoas que contrariam as ambições de lideranças políticas, elites empresariais ou letrados de variados quilates que intentam produzir a idéia de uma história única e uniforme, daqueles processos. E, dentre tais elementos dissonantes, como o ilustram alguns colhidos na cidade de Florianópolis, podem ser encontrados indícios de que o ruralismo então vivenciado por parcelas significativas da população do município proporcionava importantes tensões com segmentos que habitavam as áreas ou núcleos urbanos. Mais ainda, aqueles elementos dissonantes revelam que aspectos daquele ruralismo continuam presentes no cenário citadino contemporâneo. Finalmente, e não menos importante, as dissonâncias sugerem que a presença do ruralismo nos dias de hoje não representa uma simples “permanência” ou resistência de um passado que se recusa a desaparecer, pois suas manifestações estabelecem uma espécie de “afinidade eletiva” com experiências e percepções urbanas contemporâneas que valorizam o meio natural e determinados aspectos da vida campestre, dando ensejo a combinações e amálgamas insólitos, extravagantes mesmo, e, sobretudo, tornando questionável a idéia de que os processos de urbanização ocorrem, dentre outras coisas, por meio de uma gradual ou repentina substituição do meio rural.

De maneira mais direta e concreta, visa-se aqui problematizar em que medida as ondas de urbanização e de modernização urbana ocorridas no Brasil ao longo do último quinquênio, que sem sombra de dúvida modificaram sensivelmente o país como um todo, não eliminaram sinais, imagens e comportamentos próprios de um ambiente rural manifestos na atualidade no cotidiano do espaço urbano em conjunto, e mediante uma colonização mútua, com outros sinais, imagens e comportamentos cuja matriz não é, em hipótese alguma, rural. De acordo com isso, e se as premissas não estiverem

equivocadas, caberia pensar as cidades contemporâneas, em virtude daquelas presenças, não como teatro de um passadismo exótico cultivado com devoção, nem como local da permanência obstinada de signos de outrora deveras incômodos para muitos cidadãos, mas como um amálgama entre sobrevivência, ruína e inovação em constante mudança. E, neste âmbito, a oralidade pode contribuir em muito no sentido de proporcionar evidências de diversas percepções e referenciais próprias dessas mesclas complexas que tanto emprestam uma tonalidade peculiar às cidades no tempo presente, quanto contradizem e estorvam as crenças numa trajetória única, homogênea e linear dos processos de urbanização e, por conseguinte, da própria história de uma cidade qualquer.

Tomando em particular o caso do município de Florianópolis, onde está sediada a capital do Estado de Santa Catarina, e que tem a maior parte de seu território numa área insular (ilha homônima ao Estado), vale assinalar que até a década de 1970 ele era composto por um núcleo urbano não muito extenso e rodeado por um amplo cinturão de localidades e moradias esparsas dedicadas a atividades agrícolas e pesqueiras e de criação de gado, as quais mantinham com aquele núcleo urbano um contato simultaneamente constante e difícil pelas distâncias e pela precariedade das vias de comunicação e dos meios de locomoção. Nessas localidades, as posses de terra excediam em muito as possibilidades de trabalhá-las a contento, mesmo com o elevado número de filhos que se buscava obter para tal fim, enquanto que as grandes extensões de terra devoluta abrigavam veredas que serpenteavam para várias direções, ruminantes que pastavam de um lado para outro e lenha para forno ou fogão que podia ser extraída livremente.

Em verdade, as terras tinham pouco valor comercial num meio social em que dinheiro em espécie pouco circulava, mas permitiam a sobrevivência com o cultivo de café, cana de açúcar, mandioca e outros vegetais, e com o aproveitamento de uma fartura de frutas e, por vezes, de pescados. Mas, repentinamente, tudo isto foi alterado pela disseminação da economia mercantil, que estimulou a incorporação (e a especulação) imobiliária e a negociação e valorização das terras, que em muitos casos não mais podia ter um uso agrícola em razão das restrições ambientais; pelo contato com forasteiros portadores de outras sociabilidades e sensibilidades que se insinuaram por toda parte graças à abertura de várias vias de comunicação e, sobretudo, pelas

seduções de uma vida urbana que não cessou de se espriar até mesmo para dentro dos lares, conformando uma cidade bem mais dinâmica em todas as dimensões e contaminando de maneira decisiva as antigas relações sociais.

O interessante, porém, é que muitos elementos do passado continuam a existir nos dias atuais, lado a lado ou entrelaçados com elementos do presente, o que acaba por constituir algumas combinações inusitadas que muitas vezes surpreendem quem as observa. Exemplo disso surge junto a um dos novos shoppings centers de Florianópolis, erguido numa área nobre da cidade, que oferece aos seus freqüentadores mais do que uma localização acessível por vias de trânsito rápido, um estacionamento amplo para veículos particulares, a garantia de tranqüilidade proporcionada pela presença ostensiva de agentes de segurança ou as corriqueiras lojas e serviços disponibilizados por este tipo de estabelecimento. Em sua praça de alimentação, organizada no terceiro andar, há uma imponente vidraça, do teto ao chão, descortinando extenso manguezal que conforma uma área de preservação ambiental permanente, a qual se estende do mar até praticamente as instalações do shopping. O deleite dos observadores é percebido com facilidade e desfrutado ora em silêncio, ora por comentários acompanhados de gestos que procuram indicar, na distância, um lugar, um objeto, um movimento qualquer, até que a surpresa por algo totalmente inusitado interrompe a fruição: cercada pelo mangue, e separada por uma pequena rua da enorme edificação que abriga o centro comercial, existe uma fazendola de criação de gado em que algumas vacas e bois pastam com toda calma defronte do galpão de ordenha e outras minguadas instalações.

O contraste ali produzido pode ser interpretado como uma espécie de cicatriz rural no tecido urbano que teima em fazer lembrar as rápidas mudanças pelas quais passou a cidade nos últimos trinta ou quarenta anos, quando ela de certa forma absorveu o meio agrário (e também pesqueiro) que a cercava e que ditava parte substancial do seu ritmo de vida e dos seus hábitos de seus moradores. Neste curto espaço de tempo, o acanhado núcleo citadino cresceu vertical e horizontalmente mediante a construção de prédios de apartamentos ou de escritórios e a abertura de estradas e avenidas que vincularam à cidade as localidades mais distantes do município, transformando-as em bairros residenciais e balneários. Na esteira desta expansão, a economia monetária insinuou-se por todos os lugares e aspectos da vida de sua população, conferindo valor de mercado a terras que eram mais extensas do que se podia cultivar com os parcos

recursos disponíveis e dando maior incentivo à construção civil e à incorporação imobiliária que, juntamente com o turismo e outras atividades de prestação de serviço, emprestaram maior dinamismo à circulação de mercadorias. Em complemento, um grande contingente de pessoas afluíu para a cidade, sendo parte dele constituído por indivíduos portadores de elevado capital social que aproveitaram as melhorias nas vias de comunicação, as ofertas de trabalho, os entretenimentos oferecidos pelo turismo ou mesmo as condições de vida menos estressantes em comparação a centros como Porto Alegre, São Paulo ou Rio de Janeiro, ocasionando situações de anonimato e expressões de individualismo próprias das grandes cidades, aliadas a contrastes e tensões de cunho sociocultural.

Seja como for, o fato é que tal fazendola não é a única que teima em sobreviver num ambiente, a primeira vista, adverso, persistindo comprimidas em áreas que se urbanizam mediante loteamentos ou condomínios, rodeadas pelo asfalto e pelas construções de alvenaria que, na cidade, parecem pretender asfixiá-las onde for que se encontrem. Todavia, um olhar atento é capaz de perceber que ela institui algo mais do que mera ruga causada pela passagem do tempo, ou seja, que ela configura uma das evidências materiais e simbólicas que indicam sociabilidades e sensibilidades próprias do meio rural, as quais convivem de modo complexo e conturbado com sociabilidades e sensibilidades de autênticos contextos urbanos, conferindo algumas singularidades dignas de nota.

Uma das razões disto decorre da constatação de que, até pouco tempo atrás, muitos moradores do núcleo urbano utilizavam os quintais das casas para fazer uma horta ou para criar algumas galinhas ou porcos que ajudassem na dieta alimentar, o que implicava numa certa intimidade com o mundo natural. No entanto, a manutenção de influências da vida rural pode ser compreendida, como já mencionado antes, principalmente a partir da verificação de que a maioria dos habitantes do município de Florianópolis residia, até o início da década de 1980, na zona rural e tinha sua sobrevivência subordinada ao cultivo agrícola, à pequena criação de animais domésticos ou à pesca abundante em determinadas épocas, sendo a familiaridade com os ciclos da natureza decisiva para o sucesso de qualquer empreitada.

Em conseqüência, para amplas parcelas da população, os elementos físicos do mundo natural, bem como os animais e vegetais, tinham seu apreço condicionado pelo

grau maior ou menor de serventia para assegurar a sobrevivência ou para o gozo de uma distração. Assim, por exemplo, a praia demorou a se tornar um lugar de lazer em quase todas as localidades, sendo antes um território em que uma pescaria era capaz de garantir o alimento que uma colheita ruim negava, ou em que a abundância poderia ser lograda quando as ondas de frio intenso que anunciavam o inverno empurravam para as praias milhares de peixes. Já as terras, fossem de posse, devolutas ou com título de propriedade, ganhavam préstimo por abrigar roças ou plantações de cana-de-açúcar, café ou mandioca, entre outras, além de frutas como bananas, laranjas, limões e melancias, pastos para o gado ou veredas que, serpenteando, ligavam todas as partes. Mas essas terras, como excediam a toda necessidade, eram distantes e de difícil acesso, e não proporcionavam maior acumulação e circulação de capital, contavam com reduzido valor de troca, fazendo com que sua venda por dinheiro efetivo fosse bastante atrativa.

Por seu turno, as árvores ou arbustos das matas granjeavam um sincero reconhecimento na dependência de sua utilidade para oferecer um “pau” sólido o bastante para sustentar um edifício, para confeccionar um instrumento de trabalho qualquer ou para se transformar em lenha que transmitia calor nos fornos dos engenhos ou nos fogões caseiros, enquanto que em as rotinas curativas eram pautadas por ervas medicinais acompanhadas de rezas e benzeduras. Mais ainda, um boi possuía reconhecida capacidade de serviço para movimentar estruturas pesadas ou puxar carga, inspirando também folguedos como o “boi de mamão” (em que um cantador, acompanhado de alguns músicos, chama para dançar diversos personagens no meio de uma roda formada pelos espectadores) ou despertando admiração pela valentia na “farrado boi” (tropelia em que um destes animais, em geral não castrado e, portanto, bravo, é solto e provocado, quase sempre com extrema brutalidade, para acossar os “farristas” que correm esfuziantes em todas as direções).

Seja como for, vários fatores marcaram e marcam gerações novas e antigas do município, integrando de maneira contraditória vestígios de uma sociedade agrária na hegemônica vida urbana, situação essa que é ainda reforçada com o concurso de porção apreciável dos novos moradores da cidade, sejam eles provenientes do interior do Estado, de outros Estados da federação ou mesmo de outros países, ou porque migraram recentemente do campo e preservam sinais indeléveis de suas experiências anteriores,

ou porque, mesmo quando originários de cidades grandes, possuem condições financeiras para adquirir no mercado imobiliário terrenos espaçosos o suficiente para comportarem, junto com a residência, um jardim com árvores frutíferas ou jarros volumosos em que são plantados temperos ou ervas para várias finalidades.

Os indícios de vida campestre são observáveis com facilidade em vários aspectos do cotidiano da cidade, além de persistirem, é claro, nas memórias de seus moradores, promovendo por vezes situações um tanto ou quanto insólitas. Assim, não é incomum visualizar indivíduos que, em meio ao trânsito intenso de carros, caminhões e ônibus pelas ruas e avenidas, levam pelas mãos a passeio os pássaros cantadores engaiolados que criam em suas casas, formando em certas circunstâncias curiosas rodas de bate-papo nas calçadas ou nos bares para exhibir os dotes das pequenas aves. Menos explícitas, as armadilhas para capturá-las são armadas com argúcia na proximidade dos lugares em que elas buscam comida ou algo para beber, enquanto que as técnicas por vezes cruéis de incitar seus cantos têm curso livre nos recintos privados mais distintos.

Os peixes e frutos do mar, por seu turno, ocupam um posto de relevo nestas práticas e representações, o que em parte se explica por Florianópolis ficar situada à beira-mar e ter uma porção considerável da cidade disposta numa ilha (a Ilha de Santa Catarina). Alguns têm a sua inteligência (suposta ou real, não importa) desdenhada, como acontece na expressão “cabeça de camarão” dirigida a indivíduos que cometem um equívoco ou demonstram dificuldade para aprender algo (outras expressões que recorrem aos frutos do mar são, aliás, ainda mais injuriosas e, portanto, impróprias para reproduzir aqui), ou comparada, como é o caso da anchova frente à corvina: a primeira seria muito esperta, pois se deitaria no fundo do mar para escapar das redes de arrasto, enquanto que a segunda se deixaria “matar” com extrema facilidade. Indiscutível, porém, é o reconhecimento auferido pela tainha, um peixe apanhado em grandes cardumes entre maio e junho, quando o tempo começa a esfriar de maneira acentuada e ele procura o litoral para desovar, peixe este que tem um amplo repertório de preparo (assado, cozido, frito, “escalado”, ou seja, salgado e seco ao sol para ser conservado) e de narrativas acerca de pescarias extraordinárias porque promoviam uma afluência saudada sempre com enorme entusiasmo.

Já as plantas com alguma propriedade terapêutica, comprovada ou não (quase todos herdaram dos antepassados uma receita infalível para amenizar um sofrimento ou

restabelecer a saúde), bem como os condimentos, encontram na cidade uma grande difusão, sendo cultivadas em pequenas hortas nos quintais ou em vasos nas casas e apartamentos, proporcionando chás e unguentos de todos os tipos e para ampla gama de moléstias, ou temperos de variados alimentos e paladares, contribuindo até mesmo para emprestar um gosto exótico à tradicional aguardente. E árvores frutíferas como laranjeiras, limoeiros, pitangueiras, abacateiros e goiabeiras adornam com frequência os jardins, atraindo muitos pássaros e oferecendo frutos que são saboreados como autênticas iguarias em razão, dentre outros motivos, da ausência de qualquer tratamento químico.

Complementando esta atmosfera, os fenômenos da natureza encontram aqui igualmente uma grande relevância, associados ou não aos animais e às plantas, para a delícia de todos aqueles que, observando o céu ou o mar, tentam prognosticar as condições meteorológicas e suas alterações, por súbitas que sejam. Diz-se, por exemplo, que “rabos de galo”, isto é, nuvens estriadas a partir do sul, prenunciam mudança de tempo, enquanto que a maior ou menor distância de um halo esfumado em relação à lua indica inversamente a probabilidade menor ou maior de chuva. Por outro lado, sabe-se que a tainha só chega depois do chamado “veranico de maio”, um período em que as temperaturas se elevam aos níveis próximos aos encontrados no verão por uma ou duas semanas. Já a “nortada” é uma ventania do quadrante norte que, em geral, prenuncia a chegada de uma frente fria, enquanto que a “lestada”, talvez a menos estimada de todas, traz a umidade do mar na forma de chuvas copiosas e contínuas que duram dias a fio. Entretanto, o “vento sul”, que sopra com intensidade quase sempre por três dias, com certeza é o mais afamado e controverso, pois se traz a tainha entre maio e junho, também provoca súbitas e rigorosas diminuições da temperatura, com todas as mazelas em termos de febres, de gripes e de doenças do aparelho respiratório que isto tende a acarretar.

Não resta dúvida que o exercício destas manifestações, ou a menção destes fatores, é mais recorrente entre os moradores de Florianópolis nascidos no município ou em seus arredores, denotando uma cultura local (ou um local de cultura). Elas indicam que, em meio à atual urbe de porte médio beneficiada pelo acesso rápido a equipamentos de saúde ou educação e pela circulação monetária que permitiu a aquisição de bens como geladeira e televisão, residem (e não resistem) hábitos,

propensões e lembranças de uma época na qual um trabalho árduo procurava extrair das lavouras (ou da pesca), além do alimento que sustentava as famílias, um excedente para trocar por mercadorias como sal e querosene. Residem com, e não resistem contra, uma determinada modernização que entorpeceu ancestrais referências culturais e obrigações apreciáveis como o respeito entre as pessoas, que introduziu as drogas e a violência, mas que tornou a vida mais fácil e digna de se levar adiante, como, aliás, ilustram alguns depoimentos que se pode obter com facilidade.

Para Miguel Patrício de Lima, por exemplo, carpinteiro de profissão que reside desde que nasceu na Costa de Cima, região sul da Ilha, e que cria no terreno de sua casa um porco e um javali para enriquecer as festanças de fim do ano, uma das lembranças mais fortes é a de seu pai carregando nas costas sacas de lona contendo o café que ele mesmo plantava, “uns oitocentos metros morro abaixo e morro acima, numa base de vinte viagens por dia: dez de manhã e dez de tarde”, porque até a década de 1970 era da agricultura que se tirava o sustento.

Isso aqui era só lavoura... Engenho de farinha, plantação de cana, mandioca, milho, feijão, era só lavoura isso. Café, muito café e bananal. A ilha sobrevivia da lavoura. Hoje não sobrevive mais, não pode plantar, porque não pode derrubar a mata... A produção era trocada por aquilo que não tinha aqui, porque não havia dinheiro. Quando precisava muito, derrubava um pedaço de mato para vender na olaria, já que eles precisavam dos paus para queimar no forno, mas este era um serviço bastante pesado. A vida toda era muito dura, passava muita necessidade, só não passava fome porque tinha fartura de fruta ou então de peixe para matar na praia mesmo quando a colheita era ruim.

As terras não tinham valor, não se dava valor para elas como hoje, e se podia comprar um bom pedaço de terra por uma parrelha de bois. Imagine então se aparecia alguém com dinheiro na mão querendo comprar...

Hoje está muito melhor, a gente trabalha, mas tem dinheiro no bolso, os filhos têm escola por perto e, se precisar, pode ir no posto de saúde de graça. Até pão dá para comprar a qualquer hora.¹

As imagens de que “a ilha sobrevivia da lavoura”, de que o trabalho era árduo e a sobrevivência difícil e, principalmente, que a terra não tinha valor monetário, são comuns à grande maioria da população do município, que habitava até então a zona rural. Com isso, as lembranças de Miguel Patrício de Lima ajudam a entender a magnitude das transformações urbanas de Florianópolis ao longo das últimas décadas

¹ Miguel Patrício de Lima, 51 anos então, natural de Florianópolis e nela residente: depoimento concedido a Luiz Felipe Falcão em Florianópolis, 27 de outubro de 2007.

do século passado e a reconhecer que, em seu ver, a vida melhorou muito, ainda que se possa lastimar a inviabilidade do cultivo agrícola ou, pior, a impossibilidade de continuar cevando um porco ou um javali porque o cheiro da criação desagrada a vizinhança próxima, inclusive pelas inevitáveis moscas que atraí.

Numa perspectiva semelhante, Moraes Coutinho Júnior recorda das transformações iniciadas em 1980 com a chegada da empresa Habitasul, do Rio Grande do Sul, na região em que hoje é o bairro denominado Jurerê Internacional (localizado na parte norte da Ilha), um dos mais requintados de Florianópolis. Segundo ele, antes da chegada da firma, os poucos moradores do lugar viviam basicamente da lavoura e, também, da pesca, e não era comum que o dinheiro circulasse, mesmo nas transações comerciais:

Realmente, quando a Firma, como era chamada a imobiliária, quando a firma chegou, muita gente desse bairro, até pode-se dizer que foi um batalhão de gente trabalhar na Firma. Antes disso não se tinha emprego, não se tinha salário. Todos trabalhavam na plantação, na colheita do café e na pesca. Cada um tinha a sua terrinha. Esses morros aqui era tudo cebola, de fio a pavio. O pessoal trabalhava se ajudando, muitas coisas nas casas eram trocas. Trocava uma quarta de farinha por uma quarta de feijão. Era à base de troca, o dinheiro era muito escasso. O dinheiro era guardado até o último momento, onde a pessoa não tinha mais recurso nenhum. Quando não dava peixe, então ele pagava o dinheiro e ia lá na venda, comprava um pedacinho de carne seca. A comida era mais a base de troca mesmo. Nos engenhos de farinha tinha o pessoal que ia lá raspar mandioca, sovar, e em troca o pessoal ganhava o seu quinhãozinho pra trazer pra casa. Mas não era emprego. Emprego foi quando a Firma chegou, aí começou a girar mais dinheiro. Boa parte das pessoas aqui do bairro começaram a abrir vala, na pá, nesses campos pra drenar o terreno.²

Portanto, não se tinha emprego nem salário antes da chegada da Habitasul e, conseqüentemente, o dinheiro não circulava, sendo a comida obtida na base da troca. A vinda da empresa modificou tudo isto, modificou a paisagem, criou um bairro onde de certa maneira só havia mangue e mata, mas isto ao custo do afastamento das famílias nativas do lugar e de uma ampla devastação ambiental.

Já para Aílton Laureano Teixeira, que sempre residiu desde o seu nascimento na localidade de Cachoeira do Bom Jesus (hoje um bairro na parte norte da Ilha), ali “tudo

² Moraes Coutinho Júnior, 44 anos então, natural de Florianópolis e nela residente: depoimento concedido a João Luís dos Santos em Florianópolis, 07 de maio de 2007.

era campo de pasto e terra para plantar”, tendo “poucas casas e distantes umas das outras”, e por este motivo Florianópolis era, até a década de 1970, como outro mundo:

Percebíamos que eram mundos diferentes, pois existia muito desprezo, descaso com a periferia. A distância entre a periferia da Ilha e a cidade era incomensurável, física e culturalmente.... As pessoas adoeciam e morriam aqui – crianças, jovens, velhos – e ficavam aqui. Morriam porque não tinha assistência médica. Não tinha como ir pra cidade. Era uma odisséia ir pra cidade. Ninguém tinha automóvel. Não tinha táxi. Não tinha telefone. Não tinha posto médico (...) as pessoas adoeciam e iam a pé de um bairro a outro buscar uma dose.... Era uma distância enorme. As pessoas não tinham como ser socorridas. Lá na cidade era para uma elite que não tinha nenhuma preocupação, nada. Isso aqui não contava para a vida da cidade.³

Na percepção de indivíduos que moravam longe do núcleo urbano, portanto, eles não faziam propriamente parte de Florianópolis, que melhor corresponderia a outro lugar não apenas pela distância física, mas, sobretudo, pela distinção cultural exercida pelos cidadãos, para quem o cotidiano daquelas áreas “não contava para a vida da cidade”. Daí que a expressão “ir à cidade”, em todos os seus tempos verbais, tinha na época um significado literal e envolvia uma autêntica aventura para adentrar num universo estranho e não necessariamente amistoso. Mas, na atualidade, Aílton Laureano Teixeira reconhece que tudo mudou bastante, que quase não existem diferenças entre a “cidade” e a Cachoeira do Bom Jesus, pois se pode ir com facilidade estudar ou trabalhar no centro de Florianópolis, muito embora por vezes a passagem fique atravancada por uma carroça que, cheia de capim para alimentar o gado, teima em se desloca vagorosamente puxada por um cavalo.

De sua parte, Aírton da Rosa teceu outras recordações da cidade. Proveniente de uma família pobre residente na cidade de São José, limítrofe com Florianópolis, que hoje trabalha como mecânico de automóveis em oficina de sua propriedade, ele relembra a infância difícil em que a comida era servida para ele e seus irmãos numa espécie de gamela: Entretanto, não é apenas por isso ter sido superado que Rosa assevera ter Florianópolis se tornado melhor para se viver:

Hoje evoluiu pra caramba. Pra mim na verdade Florianópolis cresceu quando o povo de todos os lugares veio se encontrando. Cresceu pra quem trabalha num comércio, pois tem mais facilidade de trabalhar, tem mais movimento pra realizar teu trabalho... Na antiga era difícil,

³ Aílton Laureano Teixeira, 63 anos então, natural de Florianópolis e nela residente: depoimento concedido a Janete Maria Pasini em Florianópolis, fevereiro de 2005. A “dose” a que ele se refere era um medicamento a base de ervas.

tinha de suar... Se pudesse, eu não voltaria ao passado. Pra mim está muito melhor.⁴

Segundo Airton da Rosa, a chegada destes estranhos não provocou nenhuma rixa contra eles num primeiro momento, porque as brigas aconteciam nas famílias dos nativos, entre parentes, devido á divisão dos terrenos e do dinheiro obtido com a venda deles, pois “não tinham dinheiro: então tu chegavas de um outro Estado, comprova uma quadra e achava barato”. De qualquer sorte, a venda dos terrenos colocou dinheiro em espécie para circular e, aliada com outros fatores, acarretou em “mais movimento” para a efetivação de atividades profissionais, sem, contudo, impedir que ainda seja bastante usual no comércio realizado nos bairros a prática de anotar a compra de mercadorias numa caderneta do estabelecimento comercial a fim de que a dívida seja quitada apenas no final do mês ou quando se recebe o salário.

Seja como for, como vem sendo exposto aqui, não é incomum a vigência de vestígios do passado rural em meio aos costumes e às lembranças dos habitantes de Florianópolis nascidos no município ou em suas imediações, assim como em sinais incrustados na própria paisagem urbana. Contudo, o que convém ressaltar nesse momento é a aceitação que tais referentes alcançaram junto aos moradores habituados às experiências urbanas, incluindo aí muitos daqueles que são forasteiros provenientes de centros urbanos como São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro.

Claro está que tais moradores não absorvem tudo aquilo que encontram em termos de referenciais não urbanos: em realidade, eles selecionam, com base nas orientações de vida singulares que compartilham com seus semelhantes, aquilo que é considerado aceitável e o que, em seu modo de ver, necessita ser rechaçado de modo categórico. De acordo com isto, é raro encontrar algum deles que não tenha algo a dizer sobre as oscilações do clima, quer como conjectura, quer como diagnóstico, ou que não ambicione fazer algumas incursões nas lides agrícolas, cultivando uma pequena horta de temperos e de ervas medicinais nos terrenos que adquirem ou nos quintais das casas em que residem. E, ao inverso, é freqüente deparar com reações negativas em face de comportamentos que expressem em alguma medida sensibilidades que lhes são

⁴ Airton da Rosa, 50 anos então, natural do município vizinho de São José e residente em Florianópolis desde pequeno: depoimento concedido a Rafael Damasceno Dias em Florianópolis, 27 de setembro de 2006.

estranhas, como acontece diante do que consideram indicar maus-tratos com animais, como na mencionada “farra do boi”.

O resultado de tudo isto, como não poderia deixar de ser, é um estranhamento mútuo que gera encontros e desencontros, correspondências sinceras e tensões de gravidade variada, alianças e desavenças. Nelas, claro, é difícil um entendimento mútuo acerca do bem-estar de um simples bovino que, resgatado da “farra do boi” pela abnegação de alguns (estrangeiros ou nativos, não importa), é remetido para um frigorífico a fim de se converter em matéria-prima de um suculento assado a ser saboreado em casa ou num restaurante por seus próprios libertadores (uma vez mais, estrangeiros ou nativos, pouco importa). Ou ainda, um consenso em torno da preservação de matas, lagoas ou mangues diante do avanço dos grandes empreendimentos imobiliários que, impulsionados por métodos no mínimo escusos de obtenção das respectivas licenças ambientais, darão ensejo aos desejos de lucro para os detentores de capital e às oportunidades de emprego de baixa qualificação para as camadas populares.

No entanto, para além de quaisquer outras ponderações cabíveis, a cidade, em pleno curso deste novo século, desvela imbricações entre o rural e o urbano, ou afloramentos de um passado agrário nos atuais panoramas da cidade, que permitem questionar a habitual confecção de um processo linear de substituição do rural pelo urbano, ou de um juízo rigoroso da conservação de práticas e representações retrógradas. Ao inverso, o que se observa é a combinação de variadas interferências, antigas e novas, que tingem por vezes a paisagem urbana com coloridos rurais de tal modo que isso acaba por se inscrever não apenas no cotidiano de seus moradores, mas também nas narrativas que intentam reconhecer e dar a conhecer uma trajetória que, muito possivelmente, não se restrinja à Florianópolis na contemporaneidade.